

O amo e Nego

I

Era uma vez um homem rico,
Folgado e bem arrumado,
Possui um cavalo bom,
Bonito e bem arriado;
Caminhava mundo afora,
Queria fazer estora,
E ser muito afamado.

II

Um dia encontrou um nego,
E logo o convidou,
Para ser o seu parceiro,
E o nego assim falou;
Quero um cavalo igual ao seu,
Será sempre amo meu,
E o homem então aceitou.

III

Comprou então um cavalo,
Igualzinho ao que andava,
Arriado como o dele,
Com arreios que brilhava;
O nego então olhou,
E no animal montou,
E aquele bicho braiava.

IV

Andaram o dia inteiro,
E o cansaço já sentir,
Procuraram uma casa,
Para arrancho pedir;
Encontraram casa esta,
Haveria ali uma festa,
E quiseram arrancar-se ali.

V

O dono da casa disse,
Podem ficar para assistir.
É mesmo uma tristeza,
O que acontece por aqui;
A noiva fica na mão,
De um tal valentão,
E o noivo não pode agir.

VI

Não passaram muito tempo,
E logo começou chegar.
Pessoas pra aquela festa,
Que já ia começar;
Avistaram o tal valente,
Que chegou todo contente,
Pra poder se alegrar.

VII

Deram início então a festa,
O amo e o nego olhando,
Os dançantes se alegravam,
Fazendo gesto e pulando;
O sanfoneiro era bom,
Cada vês mas alto o som,
E o valentão se animando.

VIII

E já era muito tarde,
E de repente se ouviu,
A festa agora acabou,
E todos se despediu;
O amo pediu com arte,
Apenas mais uma aparte,
E o valentão consentiu.

XIV

A parte foi tocada,
E gora encerrava tudo,
O nego pensou consigo,
Não posso ficar mudo;
Foi também ao valentão,
Pedi mais uma mão,
Pra encerrar o chafurdo.

X

O valentão olhou pro nego,
Falando tu és safado,
Eu toquei para o seu amo,
Que é sujeito educado;
Um nego como você,
Deve apanhar até morrer,
Pra ser menos mal criado.

XI

O nego disse esta noite,
Três coisas não pode haver,
Carne em espeto de sebo assar,
A noiva sair com você;
O carro na frente do boi,
A discussão assim foi,
E o povo ficou pra vê.

XII

O valentão se aprontou,
E com seu rifle ficou em pé,
Atirou naquele nego,
A arma bateu catolé;
O nego disse agora pois,
Quero ver qual de nos dois,
Tem muito ou pouca fé.

XIII

O nego apertou o dedo,
E a arma disparou,
A bala acertou o valente,
Que logo desmoronou;
Os miolos apregados,
Na parede achatados,
E o povo observou.

XIV

Depois daquele alvoroço,
O nego voltou a sentar,
Próximo ao seu amo,
Que ficou só a observar,
O dono da casa então,
Viu aquele valentão,
Sua vida se findar.

XV

E o pai da noiva ordenou,
Vendo o acontecimento,
Quinze dias mais de dança,
Para esse casamento;
Hoje a noiva vai então,
Com quem lhe pediu a mão,
Sem mais haver sofrimento.

XVII

E logo pela manhã,
O amo junto com o nego,
Arriaram seus cavalos,
Pra saírem muito cedo;
O dono da festa falou,
Somos nós seu devedor,
Nos deram grande sossego.

XVIII

E saíram em retirada,
Caminhando sem parar,
O amo falou assim,
Nego me ensine a brigar;
O nego disse amo meu,
Seguirei do lado seu,
E seu pedido vou negar.

XIV.

O nego disse meu amo,
Nossa amizade é assim,
Queres que ande contigo,
Será muito bom pra mim;
Não te ensinarei brigar,
Quero contigo ficar,
Até a morte em nós por fim.

XX

E o nego não ensinou,
Aquele homem a brigar,
Pois via nele coragem,
E disposição para matar;
Sabia que se ensinasse,
Se os dois luta travasse,
Vi sua morte chegar.

XXI

Foi assim essa estora,
Se aconteceu eu não sei não,
O amo e o nego juntos,
Caminharam em prontidão;
Nunca mais se ouviu falar,
Nesses dois se arrancar,
E acabar com valentão.
